

CULTUAÇÃO AO CORPO FEMININO: DO NATURAL AO PLÁSTICO

Iluska Silva Santos

*Graduanda do Curso de Serviço Social da Faculdade UNINASSAU - PI,
iluska2009@hotmail.com;*

Resumo

Esse artigo tem como objetivo discutir sobre a comercialização do corpo, enfatizando a ajuda das mídias sociais para disseminar os padrões corporais injetados na cabeça das mulheres, com base nos valores da sociedade capitalista. Outro aspecto a ser analisado é como a pornografia também é outro meio de impor padrões corporais para as mulheres, fazendo-as reféns de estereótipos e modelos impostos. É destacado a problemática entre o corpo saudável e o corpo enfermo, sendo o primeiro considerado o corpo magro e o segundo o corpo com alguns quilos a mais, gordo, sendo essa definição totalmente superficial, já que os padrões exalados pela sociedade são padrões artificiais, moldados a base de dietas infalíveis que podem causar danos a próprio corpo. Outro ponto chave é o extremo em que as mulheres podem chegar para se adequar a um grupo, as cirurgias plásticas e o comércio em torno disso.

Palavras-chave: Padrões estéticos; Corpo; Pornografia; Cirurgias Plásticas.

Introdução

O presente artigo tem como objetivo falar sobre o padrão corporal imposto para as mulheres pela sociedade misógina. A busca por um corpo perfeito sempre foi o ideário feminino, independente da forma corporal que estava como padrão da época. O corpo que é belo, segundo os moldes sociais, é o que deve ser mostrado e adorado, um número a mais no manequim será tachado de feio e/ou desagradável, ou seja, a liberdade da nudez e o privilégio de se despir e não ser julgada, não é para todas.

A pornografia tem um significado cultural e moral, tudo que se relaciona à devassidão sexual, obscenidade, licenciosidade e indecência é fluido em um ambiente patriarcal feito por homens e para homens. O que é retratado e a forma que a mulher é colocada como objeto sexual se torna algo degradante e cria uma imagem distorcida do que é ser mulher. A pornografia, ou o pornô, comumente conhecido, vem como um adereço para mostrar para o público feminino o formato de corpos que os homens desejam e as mulheres invejam. Isso cria uma vulnerabilidade crescente nas meninas, principalmente adolescentes que precisam entrar naquele modelo para serem aceitas, até mesmo na indústria pornográfica.

Diariamente as mulheres são inundadas de informação, questionamento ou até mesmo imposição sobre o seu corpo, mas isso não é de agora. As revistas sempre foram um meio de se chegar em muitas mulheres e antigamente elas eram recheadas de atividades e conteúdos domésticos, mas o sexo feminino foi ocupando o espaço público e com isso as revistas foram se aprimorando e se adequando aos novos formatos de sociedade. As mulheres, estando fora do âmbito doméstico teriam que se mostrar apresentáveis e os meios de notícias foram mostrando como as mulheres deveriam ser, qual corpo ter, qual formato de rosto é o melhor, e a partir daí foram surgindo as cirurgias plásticas para reverter os “defeitos” da natureza.

O corpo nos padrões, “abre caminhos” para um bom emprego, para arranjar um bom partido e com certeza um casamento. Há um sistema de discriminação inconsciente engessado na sociedade, por mais que umas curvas pareçam ingênuas, elas podem salvar ou condenar a vida social de alguém, até que entrem nos “eixos” novamente.

Esse artigo, de uma forma geral, irá contribuir com a sociedade acadêmica ampliando as discussões sobre o corpo feminino e o quanto se é “encorajado” para que se entre na “boa forma” e faça parte da comunidade social, além de problematizar a busca constante por um corpo perfeito.

Metodologia

Esse artigo se desenvolve partindo de pesquisas bibliográficas. Segundo Pizzani, da Silva, Bello e Hayash (2012) “entende-se por pesquisa bibliográfica a revisão de literatura sobre as principais teorias que norteiam o trabalho científico. Essa revisão é o que chamamos de levantamento bibliográfico ou revisão bibliográfica, a qual pode ser realizada em livros, periódicos, artigo de jornais, sites da internet entre outras fontes.

A revisão de literatura é apenas um pré-requisito para a realização de toda e qualquer pesquisa, ao passo que a pesquisa bibliográfica é uma etapa fundamental antes da elaboração ou desenvolvimento de um artigo, tese ou dissertação. Essa etapa não pode ser aleatória, por esse motivo ela implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções atentos ao objetivo de estudo (LIMA; MIOTO, 2007 *apud* PIZZANI; SILVA; BELLO; HAYASH, 2012).

Dado o exposto, esse método é tão importante quanto qualquer um, mesmo partindo de arquivos já existentes. Destacamos que nesse estudo visamos acrescentar pensamentos relevantes para o campo científico buscando por referências relacionadas com este tipo de pesquisa.

Referencial teórico

O lugar que sempre foi destinado para as mulheres foi o espaço privado, era mais cômodo para a sociedade patriarcal e machista que o desenvolvimento feminino fosse mínimo. A mulher precisava estar em casa quando o marido chegasse, com todos os afazeres feitos: crianças limpas e alimentadas, comida feita e quentinha.

Contudo, a mulher de classe média posto que abandonava seu papel de dona de casa – e consumidora de produtos para o lar – se envolvia com questões da esfera pública e aos poucos perdiam o interesse

pelas revistas femininas até então retratava a mulher ainda ligada às atividades domésticas. [...] Naquele momento, só restava o corpo. (DUARTE, 2009)

As mulheres começaram a conquistar o seu lugar no espaço público, mas cada vez foi ficando mais difícil permanecer nele, já que à medida que elas conseguiam adentrar, foi ficando um espaço estreito e as dificuldades foram aumentando. O corpo feminino agora é o olhar central da sociedade.

O culto ao corpo se apresenta contemporaneamente como uma forma de consumo à medida que atende à necessidade mercadológica consumista e, ao mesmo tempo, permite que o corpo seja um meio através do qual o indivíduo transmite um estilo construído, e mediado, principalmente pela mídia. [...] De tal modo, esse material se constitui como um objeto de análise, uma forma de se penetrar nas estruturas do imaginário coletivo feminino sobre a relevância que um corpo percebido como belo na contemporaneidade possui, inserindo e excluindo a mulher dos grupos sociais, gerando consequências comportamentais e emocionais. (DUARTE, 2009)

“Toda mulher, às vezes, não se surpreende pensando que não faz ideia da razão por que tem de ter uma ‘boa aparência’ e flexibilidade para conseguir qualquer emprego?” (SILVEIRA; FREITAS, 2007). O melhor cargo possivelmente vem para a funcionária mais bonita, isso é divulgado aos quatro cantos porque é preciso ter a forma perfeita para conseguir tudo na vida, apenas a inteligência não basta, é necessário ter o pacote completo para ser aceita com êxito. As mulheres de hoje em dia não mudaram seu pensamento com o corpo, pelo contrário, está cada vez mais imposto a elas.

Resultados e discussão

A sociedade tende a ser cruel com as mulheres. O capitalismo busca de todas as formas vender e gerar lucro, isso inclui a comercialização de um corpo perfeito. “Quanto mais numerosos foram os obstáculos legais e materiais vencidos pelas mulheres, mais rígidas, pesadas e cruéis foram as imagens da beleza feminina a nós impostas” (WOLF, 1992). No mundo atual há várias soluções sendo vendidas,

chás emagrecedores, géis para queimar gorduras, até chegar nas cirurgias de redução de medida ou harmonização corporal.

A essência da estrutura mercantil, das condições sociais e econômicas do capitalismo moderno, é o fato de uma relação entre as pessoas assumir um caráter de “coisa”, uma objetividade ilusória, dotada de uma lógica própria, que esconde seu aspecto mais fundamental: seu aspecto de relação social. (SILVEIRA; FREITAS, 2007)

Essa mercantilização de uma vida melhor com um corpo melhor não foi criada agora, desde a inserção feminina na esfera pública tem se proliferado, pelos meios de informação e o capitalismo troca as matérias de produtos de limpeza para dietas infalíveis.

Em muitos países, as mulheres e homens são considerados iguais perante a lei, mas na realidade isso não se aplica, haja vista o comportamento e as atitudes machistas que se perpetuam em nossa sociedade, desde uma representação erotizada do corpo feminino em uma página de revista até o número absurdo de estupros e feminicídios que ocorrem todos os dias em países como Brasil, por exemplo. (OLIVEIRA, 2019)

O corpo feminino sempre foi erotizado e transformado em um objeto de prazer para os homens, independente da roupa ou do comportamento da mesma. A igualdade perante a lei entre homens e mulheres nunca passou do papel, já que a cultura machista ainda está muito presente na vida das pessoas.

Se há algo que identifica um pensamento como feminista é a reflexão crítica sobre a dualidade entre a esfera pública e a esfera privada. Compreender como se desenhou a fronteira entre o público e o privado no pensamento e nas normas políticas permite expor seu caráter histórico e revelar suas implicações diferenciadas para mulheres e homens – contestando, assim, sua naturalidade e sua pretensa adequação para a construção de relações igualitárias. (MIGUEL; BIROLI, 2014, p. 31)

O lugar que sempre foi destinado para as mulheres foi o espaço privado, era mais cômodo para a sociedade patriarcal e machista que o desenvolvimento feminino fosse mínimo. A mulher precisava estar

em casa quando o marido chegasse, com todos os afazeres feitos: crianças limpas e alimentadas, comida feita e quentinha.

Contudo, a mulher de classe média posto que abandonava seu papel de dona de casa – e consumidora de produtos para o lar – se envolvia com questões da esfera pública e aos poucos perdiam o interesse pelas revistas femininas até então retratava a mulher ainda ligada às atividades domésticas. [...] Naquele momento, só restava o corpo. (DUARTE, 2009)

As mulheres começaram a conquistar o seu lugar no espaço público, mas cada vez foi ficando mais difícil permanecer nele, já que à medida que elas conseguiam adentrar, foi ficando um espaço estreito e as dificuldades foram aumentando. O corpo feminino agora é o olhar central da sociedade.

O culto ao corpo se apresenta contemporaneamente como uma forma de consumo à medida que atende à necessidade mercadológica consumista e, ao mesmo tempo, permite que o corpo seja um meio através do qual o indivíduo transmite um estilo construído, e mediado, principalmente pela mídia. [...] De tal modo, esse material se constitui como um objeto de análise, uma forma de se penetrar nas estruturas do imaginário coletivo feminino sobre a relevância que um corpo percebido como belo na contemporaneidade possui, inserindo e excluindo a mulher dos grupos sociais, gerando consequências comportamentais e emocionais. (DUARTE, 2009)

“Toda mulher, às vezes, não se surpreende pensando que não faz ideia da razão por que tem de ter uma ‘boa aparência’ e flexibilidade para conseguir qualquer emprego?” (SILVEIRA; FREITAS, 2007). O melhor cargo possivelmente vem para a funcionária mais bonita, isso é divulgado aos quatro cantos porque é preciso ter a forma perfeita para conseguir tudo na vida, apenas a inteligência não basta, é necessário ter o pacote completo para ser aceita com êxito. As mulheres de hoje em dia não mudaram seu pensamento com o corpo, pelo contrário, está cada vez mais imposto a elas.

O meio de maior propagação desse padrão são as revistas. Elas buscam mostrar formas de atrair mulheres para seguir o padrão estético, é mais rentável fazer matérias sobre dietas “infalíveis” do que

conhecimento intelectual, visto que isso, desde sempre, é deixado para os homens.

Das capas ao conteúdo das matérias principais, as mulheres escolhidas são reconhecidas nacionalmente por trabalhos na mídia (atrizes, cantoras, e modelos) e são referências de mulheres que conseguiram chegar a um padrão de beleza corporal e que, portanto, devem revelar seus “segredos” estéticos, de forma que a leitora se sinta inspirada a caminhar na mesma direção. (DUARTE, 2009)

As revistas buscam formas para desenvolver conteúdos que possam agradar o público feminino, “todas essas mulheres de prestígio na mídia possuem seu corpo como principal capital, ou seja, uma de suas mais importantes riquezas”, tudo se torna plastificado quando se trata de usar o corpo como o “principal capital”, muitas escondem os procedimentos estéticos que se submeteram e anunciam que são corpos naturais (DUARTE, 2009).

O corpo feminino transformou-se em uma “arma” para a publicidade e mostrado, sempre que possível, com um mínimo de roupa. Beleza, sensualidade e erotismo são armas privilegiadas para prender a atenção do público. [...] A publicidade recorre ao fetichismo do ver. O corpo precisa estar sempre perfeito, em forma. (DUARTE, 2009)

O corpo mais alinhado é veiculado diariamente pela sociedade nas revistas femininas. Isso pode se tornar um processo alienante, já que muitas mulheres ficam reféns a esses padrões e acabam procurando meios mais extremos para se adequar à essa realidade imposta.

A mídia encontrou no “corpo perfeito” o discurso ideal para a difusão dos produtos e dos serviços de beleza, como os cosméticos, os moderadores de apetite, as cirurgias plásticas, as clínicas de estética e academias esportivas, entre outros. Ela adquiriu um imenso poder de influência sobre os indivíduos, massificou a paixão pela moda e tornou a aparência uma dimensão essencial na sociedade. (DUARTE, 2009)

A comercialização do corpo perfeito nunca esteve tão em alta como nos dias de hoje. O compartilhamento de discursos “motivacionais” para conseguir emagrecer em um mês 10kg, bastando apenas ter força de vontade, são fantasias irrealis, essas formas muitas vezes não são por meio de mudança de hábitos saudáveis.

O padrão corporal feminino sofre mudanças com o tempo, por ora é inspirado em modelos mundialmente famosas, atrizes de filmes pornôs, musas da telenovela, entre outros exemplos. Sempre há alguém que inspire na mudança de uma parcela da sociedade, principalmente no universo feminino. Nesse contexto, o pornô surge como mais uma forma de padrão a ser contemplado, isso porque é retratada formas corporais exageradas e cheias de procedimentos estéticos, principalmente cirurgias plásticas.

Os psicólogos concluíram que o grupo de consumidores é formado por homens que utilizam a pornografia para obter prazer e discordam da ideia de que o pornô seja sinônimo de banalização do sexo ou seu consumo frequente, um vício. No grupo de não consumidores, majoritariamente formado por mulheres, a pornografia é considerada prejudicial ao desenvolvimento da sexualidade, por provocar isolamento e alienação sendo, que por este motivo, vista com pouca frequência. (GALVÃO-VIANA; VIEIRA, 2014)

A pornografia foi feita para satisfazer o público masculino, o corpo feminino mostrado nesses filmes é idealizado por homens e para homens. As atrizes geralmente são vistas pelas mulheres como um padrão corporal a ser seguido, porque os homens as desejam e a sociedade tem sua estrutura patriarcal e machista. Os vídeos são veiculados, se disseminam e se popularizam, conseqüentemente mais mulheres podem se espelhar nesses corpos e querer se encaixar nesses estereótipos.

A questão não é o sexo explícito. Poderíamos aceitar muito mais nesse sentido, se explícito significasse honesto e revelador. Se houvesse um amplo espectro de imagens eróticas de mulheres livres de verdade e de homens de verdade em contextos de confiança sexual, a pornografia da beleza teoricamente não faria mal a ninguém. (WOLF, 1992)

A pornografia exala atipicidade de movimentos, corpos e prazeres. Todo um conjunto lúdico para sair do mundo real, entretanto, é mais “interessante” dessa forma, segundo os criadores, do que a forma que realmente é na vida real. “A pornografia afirma que a beleza das mulheres é a nossa sexualidade, quando a verdade é exatamente o oposto” (WOLF, 1992).

Ter conquistado um local no espaço público não é fácil, mas foi conquistado pelas mulheres, “invadir” as estruturas de poder foi um dos maiores feitos das mulheres do passado, entretanto, veio um conjunto de “imposições” e problemas relacionados à estética.

Durante a última década, as mulheres abriram uma brecha na estrutura do poder. Enquanto isso, cresceram em ritmo acelerado os distúrbios relacionados à alimentação, e a cirurgia plástica de natureza estética veio a se tornar uma das maiores especialidades médicas. Nos últimos cinco anos, as despesas com o consumo duplicaram, a pornografia se tornou o gênero de maior expressão, à frente dos discos e filmes convencionais somados, e trinta e três mil mulheres americanas afirmaram a pesquisadores que preferiam perder de cinco a sete quilos a alcançar qualquer outro objetivo. (WOLF, 1992).

O padrão estético está cada vez mais longe do natural, as formas estão cada vez mais artificiais, todo dia surge um novo procedimento para mudar algo, seja uma redução de quadril ou redução de orelhas. A insatisfação com um corpo é presente nas mulheres brasileiras, perder algumas medidas para o carnaval se tornou o sonho a ser alcançado.

O ideal já foi avançando nos anos, o estilo ‘Garota Ipanema’: estatura média, corpo roliço, muito busto, muito quadril, e cabelos pretos e lisos (Veja, 1969). Ou o padrão específico dos costureiros, do início da década de 70, da mulher alta, sadia, exuberante, pele sempre queimada, pernas longas, corpo flexível e dedos compridos (Veja 1969). Hoje o ideal a ser seguido é o do corpo (magro, malhado, mas sem músculos, barriga “seca”, coxas definidas e duras e seios firmes) apresentado e legitimado pela mídia. (SAMARÃO, 2007)

A estrutura corporal definida sempre foi almejada pelo público feminino. O formato perfeito já foi mais cheio, mais magro, mais definido, mais curvado. Esse padrão “não tem relação com as mulheres, mas com o poder institucional dos homens”, foi ordenado para as mulheres e colocado no inconsciente que para ela ser aceita precisava ter aquele corpo, que para ela ter um marido precisava emagrecer, que pra ela ter um bom emprego e ser bem sucedida precisava criar

curvas mais definidas. Em todas as épocas eram padrões extremos e impostos pela mídia. (DUARTE, 2009).

No Brasil, o corpo violão dá lugar a um corpo tábua. Nos anos de 1970, o corpo excessivamente magro das modelos ditava a moda feminina e passa a ser objeto de apreciação e de desejo. No Brasil, os corpos mais politizados, buscando expressar mais a liberdade do que propriamente a beleza saudável de quem vive em contato com a natureza. Em 1971, aparece Leila Diniz, como símbolo de liberdade e espontaneidade. Ao exibir sua barriga de grávida, de biquíni, na praia de Ipanema, escandalizou e lançou moda. Na década de 1980, aparece a super-mulher, poderosa, alta, com cabelos longos, arrumados e ombros recheados pelas ombreiras e pelos exercícios aeróbicos, praticados nas academias. Redefinir o corpo em músculos passa a ser o objetivo tanto dos homens quanto das mulheres, como reflexo na busca pela igualdade sexual. A sensualidade feminina fica garantida com as intervenções cirúrgicas, tratamentos estéticos e dietas milagrosas. (GARRINI, 2007)

O modelo da Super - Mulher ainda hoje é desejado pelas mulheres para se alcançar a perfeição. O corpo definido, malhado, sem barriga, mas ao mesmo tempo delicado e feminino é a busca pela maioria das brasileiras. Exigindo assim, um grande esforço das mulheres para conseguir chegar na “felicidade” que esse formato corporal pode proporcionar.

O padrão então é ser magra, loira, alta e lisa né, quando a gente fala de cabelo? Sim, quanto mais eurocentrado, mais padrão [...]. “Tá” até um pouco mais curvilínea do que Gisele Bündchen, hoje em dia o padrão, por culpa das Kardashian’s [...]. O padrão de beleza veio mudando por culpa das Kardashian’s, hoje em dia eu posso comprar o corpo né? Hoje em dia (com) o padrão de beleza Kardashian eu posso adquirir uma bunda, adquirir um peito e você vai se montando inteira com cirurgias plásticas e estéticas para estar dentro desse padrão estético [...]. Uma pessoa que não é branca, uma pessoa que não é magra, uma pessoa que não tem cabelo liso, uma pessoa que não é alta também, porque pessoas muito baixinhas

também sofrem, uma pessoa atende padrões de feminilidade [...] se a mulher não atende nada disso, todo mundo que não “tá” próximo disso “tá” longe do padrão [...]. Quanto mais próxima desse padrão eurocentrado e esse padrão de feminilidade, mais essa mulher é privilegiada, mais essa mulher consegue mais coisas, mais oportunidades de trabalho, de vida do que uma mulher que não está próxima disso, entende? (GURGEL,2020)

O corpo “perfeito” sempre foi modificado durante a linha temporal, o que estava na moda em 1970 agora não é interessante para as revistas e até mesmo para as mulheres da atualidade. O corpo “tábua” colocado como padrão durante muito tempo hoje já não é mais exaltado pela mídia, o corpo “comprado” é o modelo do momento, porque gera renda para o capitalismo, além de enxugar a quantidade de mulheres que podem conseguir ter aquele corpo. As Kardashians compraram o corpo perfeito: bunda e seis fartos, barriga chapada, pernas grossas sem varizes ou celulites, fora o rosto totalmente harmonizado e cheio de botox, e com isso foi formado o padrão inquestionável de beleza.

A evolução do cosmético e da medicina estética possibilitam uma gama de opções para o consumidor, levando-o cada vez mais a investir em produtos que os ajudem a atingir os padrões de beleza impostos. É um mercado em ascendência que torna tudo muito atrativo ao consumidor, fazendo com que as exigências da beleza os levem a consumir cada dia mais. (GALLAS; SHMIDTT; OLIVEIRA, 2008)

Cada dia mais a medicina e o mercado de cosmético se expande em busca de aumentar o leque de infinidades de procedimentos e produtos para gerar mais receita para o campo da beleza. Os padrões se aprimoram e ninguém consegue atingir o ápice de procedimentos e isso frustra cada vez mais os desbravadores da beleza.

O Brasil encontra-se no primeiro lugar do ranking mundial de realizações de cirurgias plásticas. A insatisfação corporal e a influência sociocultural são os principais fatores que levam esses indivíduos a optarem pela realização do procedimento. (COELHO; CARVALHO; FORTES; PAES; FERREIRA, 2015)

As cirurgias plásticas são métodos estéticos que ganharam mais evidência no Século XXI, principalmente aqui no Brasil, “este fato pode ser atribuído ao clima tropical do país, onde os corpos encontram-se mais expostos” (COELHO; CARVALHO; FORTES; PAES; FERREIRA, 2015).

O corpo humano tem diferentes formas, mas a busca pela “uniformidade” corporal é tão maçante que acaba tornando todos da mesma forma. Esses procedimentos vão além de se sentir bem com o corpo, ele são uma forma de gerar renda ao país, por isso que é tão exalado pelas classes dominantes, mesmo assim, logo após fazer cirurgias corretivas as mulheres acabam se sentindo mais inseguras com o próprio corpo, como é mostrado na pesquisa abaixo:

Verificou-se que 30,43% (n = 7) das mulheres que já haviam realizado mais de um procedimento cirúrgico ainda se encontravam insatisfeitas com os seus corpos. Destaca-se que a cirurgia plástica, em alguns casos, citada como uma forma de combate ao descontentamento profundo com a própria aparência física, servindo como uma intervenção para elevar a autoestima. (COELHO; CARVALHO; FORTES; PAES; FERREIRA, 2015)

Segundo a pesquisa, as mulheres, mesmo tendo passado por procedimentos anteriormente, ainda não se sentem confiantes com o próprio corpo. A autoestima não se consegue após cirurgias de modelagem corporal, como é propagado pelas mídias, quanto mais cirurgias feitas, mais inseguranças são geradas.

A pressão externa, através das mídias e dos padrões de beleza acaba mobilizando o indivíduo em sua percepção de si e, concomitantemente, na sua autoestima. Atualmente, as relações entre as pessoas estão cada vez mais efêmeras, sendo a aparência, ou seja, a impressão física, um importante elemento de julgamento nas interações sociais. O comportamento se estrutura no que é considerado mais belo ou menos belo. Assim, a beleza passa a ser um valor social que pode garantir sucessos ou fracassos, tanto nas relações interpessoais quanto na vida profissional. (FERRAZ; SERRALTA, 2005)

Estar bem consigo mesmo significa algo mais superficial hoje em dia. A autoestima está cada vez mais ligada com a aparência física do que com o seu interior, isso mostra o quão artificial o ser humano se tornou. As cirurgias estão ganhando cada vez mais um sentido diferente do que antes era proposto, agora ela é procurada para “curar” problemas psíquicos do que apenas uma imperfeição corporal. A beleza está totalmente atrelada ao sucesso pessoal e até mesmo ao sucesso profissional, algo que não deveria ser, já que a capacidade intelectual está sendo deixada de lado por algo mais “belo”.

O assunto beleza, perfeição chegou a tal ponto tão prejudicial à saúde que as consequências em nome da aparência além de cirurgia plástica vem doenças como bulimia (exagero na ingestão de comida seguido de indução de vômito), anorexia nervosa (obsessão por um corpo com peso muito baixo do normal), vigorexia (obsessão em praticar exercício físico para aumentar a massa muscular) e ortorexia (mania de comer exclusivamente o que considera saudável, o que pode levar a quadros de grave restrição alimentar). (GALLAS; SHMIDTT; OLIVEIRA, 2008)

As dietas milagrosas expostas por meios de comunicação são uma das formas de se conseguir chegar ao peso desejado rapidamente, contudo, problemas de saúde vem acompanhado de corpos “perfeitos”. Até que ponto as mulheres podem chegar para ter o corpo dos sonhos? Essa resposta é simples, algumas procuram o seu limite. Desenvolver doenças é um dos “limites”, o corpo aceito socialmente não é algo natural ou saudável.

Às vezes as pessoas nem tem noção que elas induzem práticas anoréxicas e bulímicas. Aí você vai olhando pra trás e vai vendo: Caraca, então o que é saúde? Porque a saúde ela é vista pelo Brasil inteiro como um corpo magro, só que um corpo magro que, às vezes, ele não é saudável, mas só porque ele é magro, ele é saudável e o corpo gordo ele automaticamente é visto com um corpo que não é saudável. (GURGEL, 2020)

O saudável está com o conceito distorcido na sociedade, saúde agora é o corpo magro, mas até onde ele é benigno? Até onde quilos a mais no abdômen é enfermo? A distorção desses conceitos vai além

de saúde de fato, é uma questão estética mesmo, o que é agradável aos olhos é salutífero e o “feio” é deletério.

O corpo passou a ser um valor cultural que integra um indivíduo a um grupo, e ao mesmo tempo o destaca dos demais. Ter um corpo “perfeito”, “bem delineado”, “em boa forma” consagra o homem e representa a vitória sobre a natureza, o domínio além do seu corpo, o controle do seu próprio destino. A gordura, a flacidez, o sedentarismo simbolizam a indisciplina, o descaso. As pessoas são culpadas pelo “fracasso” do próprio corpo. Nesta cultura, que classifica as pessoas a partir da forma física, a gordura passa a ser considerada uma doença, pois é preciso construir um corpo firme, bem trabalhado, ultramedido. Privilegia-se a aparência como um fator fundamental para reconhecimento social do indivíduo. (GARRINI, 2007)

A integração na sociedade está cada vez mais superficial para as mulheres, principalmente se elas precisam atingir um nível de beleza para que sejam aceitas em um determinado grupo. A gordura é um dos fatores determinantes para a exclusão social. E assim, a gordofobia se dissemina e impede muitas mulheres de amar seu próprio corpo, pois a imposição social se torna uma obediência feminina à sociedade que cultua a magreza.

Isso não é uma apologia à obesidade! Isso é uma apologia a liberdade! E é você conseguir compreender que a saúde ela tem uma imagem e que ela não precisa ter essas imagens, às vezes, não tem nada a ver com o que é considerado saudável de fato, por que é só o fato dela ser magra? De ela se exercitar? (GURGEL, 2020)

A imagem padronizada é exalada em todos os cantos e impulsiona as mulheres a se submeterem a todos os tipos de métodos para conseguir serem aceitas na sociedade misógina. As representações sociais de mulheres magras estimulam o culto à magreza e exclui outros corpos, outros padrões e incita a disputa entre o corpo magro x o corpo gordo numa “guerra” sem fim.

Se você vivesse numa bolha, será que você faria intervenções no seu corpo? Será que você teria vontade de mudar? Será que você teria vontade de se depilar, por exemplo? Será que você teria vontade de fazer

aquela plástica que você quer tanto fazer? Ou ficar usando cinta? Será que você teria vontade se ninguém te visse? (GURGEL, 2020)

A verdade é que os procedimentos existem para que as mulheres sejam aceitas na sociedade, se não existisse essa imposição social não haveria problemas de ter uns quilinhos a mais, nem um rosto mais redondo. A busca pela beleza é para que o outro defina se você é belo. E afinal, o que é ser bela?

Considerações finais

O capitalismo banaliza todos os sofrimentos que a excessiva mercantilização do corpo pode causar, “tudo bem que possa doer”, “o que importa é o resultado final”, essas frases são típicas nas falas das mulheres que tem como meta de vida ter o corpo ideal. O padrão ideal é misógino, por ser um corpo que os homens desejam ter para “consumo”, para seu usufruto.

A mídia é o principal meio de proliferação de dietas milagrosas, cosméticos, procedimentos estéticos e até mesmo cirurgias plásticas. A forma de passar essas informações é tão bem arquitetada que consegue alienar boa parte do público feminino que consome esse tipo de conteúdo.

A pornografia se insere nesse contexto por imprimir mais formas de padrões corporais, mesmo sendo feita para homens e por homens, ela consegue chegar nas mulheres como algo que deve ser seguido, também como um padrão determinante.

As cirurgias plásticas estão cada vez mais frequentes no Brasil. A pressão externa para ter o “corpo perfeito” é minimizado com as cirurgias plásticas, ou era pra ser, como foi exposto, as mulheres que já tinham feito procedimentos ainda desejavam fazer mais, por não ter atingido sua satisfação. A autoestima ainda continuou baixa, é entendido então que as cirurgias não conseguem satisfazer o interior, mesmo que inconscientemente seja esse o desejo.

As mulheres que têm alguns quilos a mais são deixadas de lado por alguns segmentos da sociedade, isso porque o “exagero” disforme. As dietas mirabolantes vêm para que esses quilos sejam removidos de uma forma mais rápida possível, mas isso pode gerar doenças que causam danos para o resto da vida. E a gordofobia se instala nesse

contexto proporcionando a exclusão de mulheres que não se encaixam no ideário masculino.

Levando-se em conta o que foi observado, esse artigo vem como uma forma de abranger ainda mais as discussões sobre os temas expostos aqui e instigar outros pesquisadores e pesquisadoras a continuar discutindo e podendo até tomar novos rumos e abordagens. Destarte, é de suma importância rever nossos conceitos de beleza e padrões impostos, assim como estereótipos definidos.

As pessoas são diferentes e devem ser valorizadas pela diferença, é isso que nos torna tão especiais e belas.

Referências

COELHO, F. D.; FORTES, L. S.; CARVALHO, P. H. B.; PAES, S. T.; FERREIRA, M. E. C. **Insatisfação Corporal e Influência da Mídia em Mulheres Submetidas à Cirurgia Plástica.** Revista Brasileira de Cirurgia Plástica, v. 30, p. 567-573, 2015.

DUARTE, Bárbara Nascimento. **Em boa forma: a percepção do corpo feminino.** CSOnline (UFJF), v. 6, p. 11-32, 2010.

FERRAZ, Sabrina Borges; SERRALTA, Fernanda Barcellos. **O impacto da cirurgia plástica na auto-estima.** Trabalho de Conclusão de Curso, (Graduação em Psicologia) - Universidade Luterana do Brasil. Canoas, Rio Grande do Sul, 2005.

GALLAS, J. C.; SCHMIDTT, A.K; OLIVEIRA, C. **As cirurgias plásticas no mercado da beleza e suas consequências.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Tecnologia em Cosmetologia e Estética) - Universidade do Vale do Itajaí. Itajaí, Santa Catarina, 2008.

GALVÃO-VIANA, L.; VEIRA, L. L. F. **Obscenidade refletida: noções e ressonâncias pornográficas.** Crítica Cultural, v. 9, p. 197, 2014.

GARRINI, Selma Peleias Felerico. **Do Corpo Desmedido ao Corpo Ultramedido. Reflexões sobre o corpo Feminino e suas Significações na Mídia Impressa.** Trabalho apresentado ao GT de História da Publicidade e Propaganda, do V Congresso Nacional de História de Mídia, Facasper e Clee, São Paulo, 2007.

GURGEL, Alexandra. **Gabriela Pugliesi: de memes gordofóbicos à festa na quarentena.** São Paulo, abril 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PRAmJMdOeo>. Acesso em: 08 de maio de 2020.

GURGEL, Alexandra. **Como se amar na quarentena.** São Paulo, maio 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uGOlWslOnAc&t=36s>. Acesso em: 08 de maio de 2020.

GURGEL, Alexandra. **O QUE É UMA MULHER PADRÃO?** São Paulo, agosto 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-cPX_2lAQ7os&t=31s, Acesso em: 15 de maio de 2020

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e política: uma introdução.** 1. Ed. – São Paulo: Boitempo, 2014

OLIVEIRA, P. P. **A quarta onda do feminismo na literatura norte-americana.** Palimpsesto, v. 18, p. 67-84, 2019.

SAMARÃO, Lilianny. **O espetáculo da publicidade: a representação do corpo feminino na mídia.** Contemporânea [Internet]. 2007 [citado 2011 Dez 01]; (8):45-57.

SILVEIRA, Maria Lúcia; FREITAS, Taís Viudes de. **Trabalho, corpo e vida das mulheres crítica à sociedade de mercado.** São Paulo: SOF, 2007

WOLF, NAOMI. **O mito da beleza: como as imagens da beleza são usadas contra as mulheres.** Rio de Janeiro: Rocco, 1992.